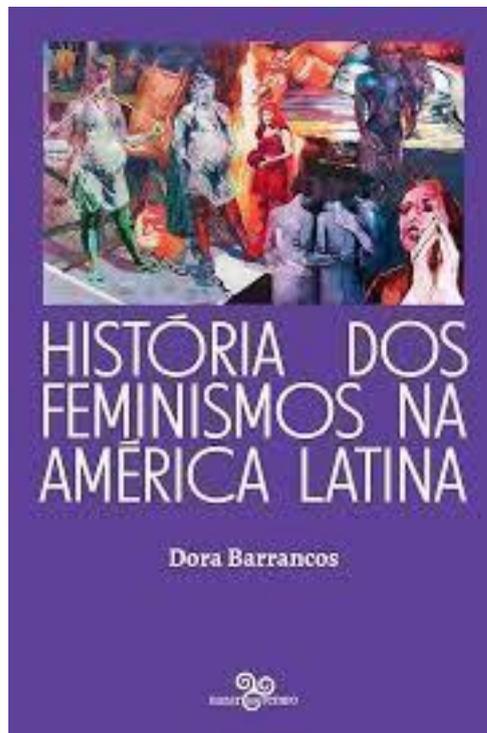




RESENHA

Em defesa de uma história latino-americana dos feminismos



Suzana Morelo Vergara Martins Costa, *Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina (PPGICH - UFSC)*

Miriam Pillar Grossi, *Universidade Federal de Santa Catarina*



BARRANCOS, Dora. **História dos Feminismos na América Latina**. Tradução Michelle Strzoda. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2022.

A América Latina, na sua vivência contemporânea, resiste ao ter sua história contada por perspectivas alternativas à história oficial, patriarcal e colonial. O ato de reconstruirmos a nossa história a partir de uma perspectiva feminista e decolonial pode contribuir para a reconstrução e ressignificação do social, livre de discriminações e violências de gênero, raça, etnia, de orientação sexual, ambientais e de inclusão social.

Tece junto ao território latino-americano um outro tipo de narrativa, livre dos grilhões da modernidade colonial, machista, racista e imperialista. A luta das mulheres e os movimentos feministas latino-americanos demonstram sua enorme potência de mudança social, quebra de paradigmas e conquista de direitos. Ajudam a compreender nosso momento histórico e político e apontam estratégias de ação e resistência. “A condição subalterna forjada pelo sistema patriarcal”, que no caso dos países latino-americanos também soma-se à subalternidade ao sistema colonial.

“Quais são as agências dos movimentos de mulheres e movimentos feministas na América Latina?”. O livro de Dora Barrancos, com tradução de Michelle Strzoda é um convite crítico a conhecermos as nossas histórias feministas, nos unirmos à luta e conquista de direitos humanos, e valorizarmos a vida das mulheres e do território latino-americano.

O livro é dividido em três partes, além da Introdução, Apresentação, Prefácio da Edição Brasileira e Agradecimentos. É no Prefácio que a historiadora, socióloga e feminista argentina, Dora Barrancos, menciona o seu exílio no Brasil entre 1977 e 1984, período em que aderiu ao ideário feminista, “iniciando um caminho sem volta”, como nos diz.

Neste capítulo, conhecemos o seu envolvimento na luta de reivindicação da justiça social, luta na qual sua geração se envolveu na militância para transformar as relações de classe. Não faltaram denúncias sobre as formas de colonização imperialista de “nossos territórios”, estes não limitando-se apenas ao continente latino-americano. Eis que os feminismos são pensados, “desajeitadamente”, neste momento da vida da autora, como



“individualistas”, pertencendo a mulheres burguesas relutantes em perceber “as verdadeiras fontes da opressão” (p.11).

É a revolta, que se manifesta em diversos locais do Brasil, gerada pelo feminicídio de Ângela Diniz em 1976, que Dora Barrancos irá escolher como momento despertador da consciência de muitas mulheres. Contestadoras também do autoritarismo da ditadura, pois ao colocarem em evidência o feminicídio, denunciavam o sistema patriarcal por detrás do crime. O reconhecimento da estrutura patriarcal como criadora da desigualdade e da injustiça, abrigando seus fundamentos e desenvolvendo “as formas mais cruéis de iniquidade” (p.11), provocou profunda mudança na sensibilidade da autora, fazendo-a abandonar a errônea concepção que tinha sobre feminismo e identificar “uma inescapável obrigação intelectual”(p.11) de aderir à seus princípios.

Já na apresentação, a autora escreve sobre a proposta do livro: “narrar de modo sucinto o longo périplo das ações protagonizadas pelas feministas nos países latino-americanos” (p.13). É sobre as agências feministas na América Latina – “contexto gravitante” - que a autora se debruça ao longo do texto. “Agência”, no livro, é um conceito usado para apresentar os coletivos de mulheres empenhados em transformar as condições de existência, em fazer reconhecer os direitos e a subordinação social das mulheres, através das pautas reivindicatórias dos movimentos feministas. A leitura do livro também permite conhecer sujeitas históricas, a história e cultura da América Latina, as lutas por emancipação no continente latino-americano, e outros temas como as estratégias de mulheres na resistência à colonização e à governos autoritários, a conquista dos direitos das mulheres e a relação de mulheres e coletivos feministas com o Estado.

A Introdução, intitulada “Das primeiras chamadas ao amadurecimento do movimento feminista”, apresenta os movimentos feministas desde as “figuras precursoras”(p.22), como Christine de Pizan e Olympe de Gouges a “traço gerais da evolução do feminismo na América Latina” (p.44), e os feminismos enquanto “fenômeno de massa” (p.45). Ele nos dá uma “pequena prova” do estilo de escrita da autora, vasto em figuras históricas, fatos e acontecimentos, documentos e referências textuais e jornalísticas.

O feminismo, definido nesta parte como “uma corrente de pensamento e ação política” (p.19), mostra a recorrência do conceito de “agência” no pensamento da autora. Esta definição entende o objetivo



central do feminismo enquanto pensamento e ação política: “conquistar a igualdade de direitos para as mulheres”(p.19), sendo decorrente desta conquista o seu propósito de “extinguir toda e qualquer tutela masculina subordinante”(p.19).

As três partes seguintes constituem o centro do livro e mostram, de forma escrita acessível e convidativa, as agências feministas na América Latina. São elas: 1^a) Feminismos no México, na América Central e no Caribe; 2^a) Feminismos na América do Sul e 3^a) Feminismos latino-americanos do século XXI.

Nestas três partes a autora apresenta um rico panorama dos feminismos na história da América Latina, sendo generosa em sua partilha de conhecimentos. Ao lermos o livro de Dora Barrancos, partilhamos não só a sua atuação ativa nos movimentos feministas e movimentos sociais, mas também a sua formação em história e sociologia. O livro se apresenta como um convite a conhecermos nossas histórias e aponta para um continente latino- americano livre de toda a subalternização patriarcal e colonial.

“A História dos Feminismos na América Latina” e sua leitura nos ajuda a entender porque a autora indica o caso dos feminismos latino-americanos como proporcionador de um “divisor de águas temporal” (p.45) na história dos movimentos feministas no mundo. Embora certas agências e formas de conquista de direitos se assemelham às instâncias europeias e norte- americanas, outras demandas, formas de ativismo e realidades históricas configuram a particularidade dos feminismos latino-americanos. Este engloba a participação de mulheres em lutas de libertação nacional, a repressão aos movimentos por regimes ditatoriais, o papel da imprensa feminista, de grupos libertários e de grupos de mulheres conservadoras, a presença de instituições religiosas, o impacto da cultura popular, a força do campesinato e dos povos indígenas, tornando única e muito rica a história dos feminismos na América Latina.

Ela relata como as mulheres no continente latino-americano resistem à ordem patriarcal antes das primeiras sufragistas francesas, consideradas pioneiras do feminismo. Apesar de ter seu enfoque no século XX, a autora não deixa de trazer à cena mulheres que, ainda na época da colonização, buscavam a libertação das mulheres, rompendo com os papéis de gênero e a subordinação feminina. E ao se debruçar sobre o final do século XIX e o desenrolar do século XX produz a



memória de muitas mulheres, demonstrando com suas ações a força de suas “subjetividades libertadoras”. Dispersas e às vezes interrompidas pelo tempo histórico, mas com um legado capaz de inspirar e fazer viva as gerações contemporâneas, as mulheres latino-americanas resistem e reivindicam seus direitos.

Já na última parte, o desafio da autora é traçar um panorama recente dos feminismos na América Latina no século XXI. Uma onda de manifestações feministas, com forte presença de mulheres jovens, como os movimentos: “*Ni una a menos*”, “As mulheres mobilizadas pela paz na Colômbia” e “Ele, não!” são alguns dos exemplos de mobilizações de mulheres jovens, exigindo os direitos aos seus corpos, seus territórios e suas existências. Ela mostra como estes novos movimentos feministas latino-americanos apontam para um fenômeno nunca ocorrido na história do feminismo, a sua “massificação”. As mulheres estão indo às ruas, estão exigindo direitos, estão falando e ocupando espaços, estão se auto afirmando feministas.

O livro é de interesse não só para estudantes dos estudos feministas e históricos, mas também para estudantes de políticas públicas, direitos humanos, saúde, sociologia e antropologia. Deve ser compartilhado pelas mulheres do continente latino-americano e também pelos homens, meninas e meninos. É um livro de cabeceira “para todas as pessoas que entendem que a história do feminismo é central para compreendermos a história das nossas nações” como diz Rita Segato em seu texto alocado na orelha do livro. “A História dos Feminismos na América Latina” nos ajuda a olhar com outros olhos para os movimentos feministas e entender a sua real importância e potência na conquista da libertação humana de toda a forma de discriminação e falta de direitos humanos. O convite feito pela autora é para nos somarmos a estes movimentos de emancipação e conquista de direitos. E agora com nosso território, corpos, façamos a nossa história.

Suzana **MORELO VERGARA MARTINS COSTA**,
PPGICH/UFSC Graduada em Antropologia (UFSC), mestra em Teatro,
com enfoque em teatro feminista (PPGT - UDESC), doutoranda do
Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas - Universidade
Federal de Santa Catarina (PPGICH - UFSC). E-mail:
suzanavergara10@gmail.com



Miriam **PILLAR GROSSI**,
Universidade Federal de Santa Catarina (REDE NIGS e UFSC).
E-mail: miriamgrossi@gmail.com

Recebido em: 21/04/2025

Aprovado em: 24/05/2025